

## METÁFORAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA DEFICIÊNCIA VISUAL

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 25/01/2021

**Girlane Maria Ferreira Florindo**

Instituto Federal de Brasília -IFB

<http://lattes.cnpq.br/2504336900775881>

**RESUMO:** O presente trabalho relata uma pesquisa de campo, baseada no princípio de mesclagem da linguística cognitiva, realizada com sujeitos cegos usuários da Biblioteca Braille “Dorina Nowill”<sup>1</sup>, a fim de investigar a compreensão de metáforas apoiadas na visualidade por estes sujeitos. Os resultados mostram que os indivíduos cegos utilizam sentenças metafóricas ligadas ao sentido da visão, mas não ampliam as projeções mentais na construção de outros sentidos. As palavras que representam metáforas apoiadas no campo visual raramente são prolongadas para um sentido mais conotativo; comumente são relacionadas aos elementos físicos ligando-as as outras percepções que fazem parte de suas experiências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência visual. Metáfora conceptual. Percepções.

### METAPHORS AND THE CONSTRUCTION OF MEANING IN VISUAL DISABILITY

**ABSTRACT:** This paper reports a field research, based on the principle of merging cognitive linguistics, performed with blind subjects users

of the Braille Library “Dorina Nowill”, in order to investigate the comprehension of metaphors supported in visuality by these subjects. The results show that blind individuals use metaphorical sentences linked to the sense of sight, but do not amplify the mental projections in the construction of other senses. Words representing metaphors supported in the visual field are rarely extended to a more connotative sense; are usually related to the physical elements linking them to the other perceptions that are part of their experiences.

**KEYWORDS:** Visual impairment. Conceptual Metaphor. Perceptions.

### 1 | INTRODUÇÃO

A partir de minha experiência de estudo e convivência no âmbito da deficiência visual, procuro refletir sobre questões que se relacionam à realidade de um saber ainda desconhecido, ou seja, buscar pelas vozes que muitas vezes são ignoradas e conhecer suas concepções e interações relativas às experiências diversas, sobretudo às linguísticas e discursivas.

Muitas vezes somos indiferentes às outras percepções, pois estamos impregnados da hegemonia da normalidade e da visualidade, as quais deixam de considerar os múltiplos sentidos e lugares da experiência; referimo-nos neste caso à pessoa com deficiência visual congênita. Aquela que não dispõe de memória visual. Nesse contexto, reportamo-nos às metáforas. Portanto nesse trabalho

1 Biblioteca específica ao atendimento do público com deficiência visual, localizada em Taguatinga, Distrito Federal.

consideramos as metáforas como nosso objeto de análise. O que é a metáfora do olhar e do ver? Sabemos que se trata de um tema recorrente que nos leva a um mundo mediado por imagens. Nos usos cotidianos que fazemos da linguagem, que é profundamente regida pela preponderância das metáforas apoiadas na imagem sobre os mundos da razão e do entendimento, perguntamo-nos: o deficiente visual compartilha das metáforas que contrapõem cegueira e conhecimento, como “Alguém que é ignorante está na escuridão, enquanto que alguém incapaz de conhecer é cego” (Lakoff e Johnson, 1999)? Os sujeitos cegos compreendem e fazem uso das metáforas visuais? Utilizam as mesmas metáforas que os sujeitos videntes? Como se dá a construção de sentidos dessas metáforas para o sujeito cego?

## 2 | LINGUÍSTICA COGNITIVA

A linguística cognitiva (LC) não é recente. Sua história confunde-se com a da pragmática em diferentes momentos. Contudo, para fins deste texto, nos detemos em uma visão mais atual, tratada por diversos autores que se dedicaram ao entendimento da linguagem e do comportamento dos seres humanos, com destaque para os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson a partir de 1980. Rejeitando os postulados da linguística moderna baseados no princípio da *autonomia da linguagem*, a linguística cognitiva opõe-se aos paradigmas anteriores, o estruturalismo – por este entender que a linguagem é um sistema que basta por si mesmo – e o gerativismo de Chomsky e seus seguidores – por este considerar que a *faculdade da linguagem* é uma componente autônoma da mente, e por conseguinte, um sistema independente de outros tipos de conhecimento.

Negando a tese da linguagem como sistema autônomo, atualmente, os cognitivistas buscam uma visão integradora da linguagem humana, não a entendendo mais como um elemento isolado da nossa mente. É totalmente aceitável, nesse sentido, que as línguas estejam relacionadas a processos de contextos reais de uso linguístico. Desse modo, linguistas cognitivistas têm demonstrado em seus estudos que a conceptualização de domínios abstratos, é geralmente, feita por meio de metáforas com base em domínios concretos e familiares. Portanto, considera-se a relevância das relações sociais, inseridas em um contexto cultural e as respectivas experiências vivenciadas pelos seres humanos. Diferente dos gerativistas como Chomsky, para os cognitivistas, não existem significados prontos, mas sentidos construídos a partir das relações sociais. Nesse sentido, a linguística cognitiva busca uma aproximação aos estudos socio linguistas, e assume uma posição que se distancia da teoria autonomista da aquisição da linguagem – pressupostos defendidos pelo gerativismo. Num contexto não-autonomista, o conceito de língua é dinâmico, o qual associa-se a rotinas cognitivas que são transformadas, moldadas e construídas através do uso e da interação social.

A linguagem, por ser integrada e não isolada, é constituída através das experiências

corporais dos seres humanos, sendo explicada em termos semânticos e funcionais. Ou seja, o modo como vivemos e interagimos com nosso corpo faz com que desenvolvamos a base de nosso sistema conceitual, distinguindo-nos, inclusive, culturalmente. Por desenvolver uma análise linguística com base no uso linguístico, pode-se considerar a LC como um tipo de linguística pragmaticamente orientada. Essa perspectiva de linguagem entende que pensamos através de todas as experiências vivenciadas pelo nosso corpo e, esse processo reflete em nosso desenvolvimento linguístico.

Qualquer diferença no corpo vai influenciar o modo como o mundo é experienciado. Sem o sentido da visão, por exemplo, o modo como o cego percebe o que está ao seu redor é diferente do sujeito que tem seu sentido visual em funcionamento. A conceptualização da realidade para a pessoa cega vai ocorrer de forma distinta e, dessa forma, os processos cognitivos vão sofrer alterações. No entanto, a pessoa cega também se desenvolve linguisticamente, pois vale-se de seus sentidos remanescentes, sobretudo do tato e da audição. Desse modo, ela consegue conceber a realidade diferentemente daqueles que tem na visualidade, o sentido hegemônico. Todavia, quando se está em questão metáforas visuais, as quais são constituídas de elementos que não podem ser vislumbrados por outro sentido que não seja o da visão, o que ocorre?

Tentaremos responder a esta pergunta, porém, antes faz-se necessário compreender as relações mentais inerentes à linguagem conforme os parâmetros cognitivistas, para depois se chegar à metáfora propriamente dita. Para Lakoff & Johnson (2002, p. 57), “conceitos metafóricos podem ser estendidos para além das formas literais ordinárias de se pensar e de se falar, passando-se para o domínio do que se chama de pensamento e linguagem figurados, poéticos, coloridos ou fantasiosos”. Assim as ideias podem ser consideradas objetos. “Quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras”. (ibidem).

## 2.1 Processamento mental e metáfora

Como propõem Lakoff e Johnson (1999, 2002) as relações linguísticas que ocorrem em nosso cérebro são dinâmicas e relacionadas às experiências corporificadas. Dentro do campo da LC, interessa-nos, em especial, a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) proposta pelos referidos autores na obra intitulada *Metaphors we live by*, a qual nos fornece o conceito de domínios conceptuais, como responsáveis pela compreensão do mundo em que vivemos. Tais domínios dividem-se em dois grupos: *domínios estáveis* e *domínios locais*. Os *domínios estáveis* são agrupamentos de conhecimentos armazenados na memória pessoal ou social, transmitidos histórica e culturalmente. Subdividem-se em *modelos cognitivos idealizados* (MCIs), *molduras comunicativas* e *esquemas imagéticos*.

Os nossos conhecimentos se organizam por estruturas que são os *modelos cognitivos idealizados*. Ao falarmos em igreja, por exemplo, ativamos o MCI ligado a este

termo, relacionando-o a religiosos, culto, bíblia e toda uma gama de elementos relacionados ao item igreja. Todo este universo em tela é definido culturalmente e perpetuado pela espécie humana através dos tempos, adquirindo novo material conforme a historicidade social. Os procedimentos que identificam situações sociais como aulas, cultos, missas, reuniões, entrevistas, ou seja, os que mostram comportamentos estabelecidos nos quais cada participante desempenha seu papel são as *molduras comunicativas*. Ou seja, são estruturas de conhecimento relacionadas a formas organizadas de interação.

Os *esquemas imagéticos* são estruturas imagéticas bastante simples, mais amplos e flexíveis, geralmente de natureza espacial. Ou seja, são estruturados por padrões dinâmicos e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, assim como de nossa manipulação dos objetos e de nossas interações perceptivas. Os esquemas imagéticos de “proximidade-distância” e/ou de “ligação-separação”, por exemplo são, elaborados, no domínio das relações interpessoais como “*relação estreita; pessoas chegadas*” .

O segundo tipo de domínio conceptual, são os *domínios locais*, os quais são constituídos pelos espaços mentais, tem um caráter dinâmico e sequencial e se formam durante a conversação. Estes domínios são estruturados internamente por *domínios estáveis*. Desse modo, a construção do sentido se dá como o resultado do estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos, o que a LC denomina de projeções, dentre as quais encontram-se as *metáforas*.

Como bem definem Lakoff & Johnson (2002), as metáforas são o resultado da interação entre determinados aspectos dos aparatos físico e cognitivo do ser humano em conjunto com suas experiências corpóreas e subjetivas do mundo. A mente apresenta um conjunto de símbolos que refletem o que é apreendido pelo ser durante o seu desenvolvimento, tornando-se um espelho da natureza em que estamos inseridos. Os autores acrescentam, que a metáfora é uma propriedade de conceitos e não de palavras. Com base nessa perspectiva, uma metáfora é um fenômeno resultante de um mapeamento conceptual entre dois domínios, ocasionando uma mesclagem, *blending*,<sup>2</sup> entre eles. É por isto que, ao ouvirmos a frase *Nossa Professora é brilhante*, somos capazes de compreender o elogio feito à professora, pois ativamos em nossa mente elementos que formam um domínio alvo no qual entendemos que brilhante é muito bom, pois brilha, irradia, é forte e belo.

### 3 | VER E NÃO VER

Nas metáforas fundadoras do pensamento moderno, temos como exemplo segundo Lakoff e Johnson (1999) apud Camargos (2012), a construção de que alguém que é ignorante está na escuridão, enquanto alguém que é incapaz de saber está cego. Recusar as concepções culturais que suportam essas metáforas, associando a deficiência visual à ignorância e à incapacidade, equivale a assumir que todos temos perspectivas parciais. E

<sup>2</sup> Os domínios conceptuais são categorias construídas e preenchidas por atributos. Há a existência de um domínio fonte – de natureza experiencial e de um domínio alvo – de natureza abstrata (Lakoff e Johnson (1980).

mais, implica assumir que as concepções hegemônicas sobre a deficiência visual são ainda mais limitadas por se recusarem a reconhecer os limites que uma experiência eminentemente visualista coloca, seja na apreensão de uma riquíssima realidade multissensorial, seja para apreender a rica experiência de alguém que não usa – ou usa de forma mitigada – o sentido da visão.

Como lembra Camargos (2012, p.92),

O verbo olhar tornou-se substituto de inúmeros outros, inclusive os relacionados aos sentidos. Para perceber isso, basta nos atermos ao nosso cotidiano, quando escutamos as recorrentes sentenças: “Viu essa música?”; “Nossa, viu que cheiro gostoso?”. Ver assume a conotação de saber: “Você não vê o que está fazendo?”; “Olha pra você ver!”; isso, sem mencionar as expressões “amor à primeira vista”, “ponto de vista”, “ângulo de análise”, “olhar sobre um assunto”, “mau-olhado”, “olho gordo” etc.

Muitos autores frisam que toda a visão se encontra situada em um corpo e em um contexto, portanto a ênfase na localização insta-nos a acolher as consequências interpretativas de estar em um lugar particular incorporado, a partir do qual só podemos obter perspectivas parciais.

José Saramago, em o “Ensaio sobre a cegueira” constrói uma profusão de metáforas e analogias, onde são evidentes as inúmeras ramificações simbólicas a que a cegueira se oferece na concepção ocidental: a ignorância, a alienação, a morte, a ganância, o negrume – no fundo os sinônimos que a cegueira evoca nas entradas de qualquer dicionário. Mas, num sentido mais iminente, a cegueira constitui no ensaio de Saramago a metáfora fundadora que concorre para a negação de uma humanidade cujos valores são representados no período calamitoso provocado pela epidemia de cegueira (MARTINS, 2006).

Segundo Martins (2006), Aristóteles considerava a visão o sentido mais desenvolvido, já Platão, na célebre alegoria da caverna estabelece a hegemonia da visão, que emerge no mito, quer como representação de um envolvimento sensual com o mundo, neste caso o mundo das sombras da caverna, quer como metáfora para o conhecimento das ideias e da verdade, que é representado pela visão do mundo da luz e do sol.

Para Martins (2006, p. 72), é certo que esta

conceptualização parte da importância que a visão tem para qualquer pessoa que dela possa fazer uso; a questão é que a vigência de um quadro cultural que amplia essa importância, tomando a parte (visão) pelo todo (conhecimento), cria um sério entrave cultural, quer para a percepção das pessoas cegas enquanto repositórios de saberes, quer para a compreensão da riqueza que o mundo encerra, mesmo para quem o conhece na ausência do sentido da visão.

Da perspectiva da psicologia, segundo Camargos (2012) podemos perguntar se existe a “pulsão” de ver e ser visto em quem não possui alguns dos órgãos em funcionamento? Defendemos que sim, pois conhecemos pessoas cegas que se preocupam

com sua aparência, com a combinação de cores que usam, mesmo sem nunca ter visto qualquer cor. Há pessoas cegas que não gostam de ficar sem óculos escuros, por saberem que seus olhos estão sendo observados; gera incômodo. Há casos, também, de pessoas que simplesmente gostam de se sentir com os óculos escuros, e os que querem “ver” tudo a seu redor, tocando, cheirando, sendo curiosos. E o que dizer de um fotógrafo cego, que sente enorme prazer ao poder fazer imagem, embora não as veja? (CAMARGOS, 2012, p.92).

A partir da observação e convivência, já pudemos constatar alguns modos de “ver” dos deficientes visuais – alguns deles gostam de pegar em minhas mãos para conversar, por exemplo – e, no grupo, o desejo de estabelecer relações, de ser ouvido, isto é, de ser visto. Certamente, cabe dizer que, embora o cego não enxergue – de forma biológica –, não quer dizer que ele não possua dificuldades. Mas, é fundamental a atenção a seus sentimentos atrelado a seu modo de ver e de olhar o mundo, considerar a sua maneira de perceber e avaliar o aceitar de sua realidade, ou seja, a sua forma de percepção que se apoia sobretudo no sistema tátil e auditivo.

## 4 | METODOLOGIA UTILIZADA

### 4.1 Sujeitos

Os sujeitos participantes são pessoas com deficiência visual adquirida, ou seja, não são cegos congênitos. Assim, eles dispõem de alguma memória visual. O grupo foi convidado a participar de forma voluntária da discussão. A proposta foi bem aceita, uma vez que o mediador é conhecido do ambiente. A moderadora incentivou a participação de todos, não houve predomínio de fala de um sobre os demais, e a condução da discussão foi de modo a se manter dentro dos tópicos de interesse. A moderadora não fez julgamento e sim salientou as ideias relevantes e encorajou os participantes a darem segmento às falas a respeito de cada tema apresentado. Os sujeitos foram assim identificados: **A** (65 anos: perdeu a visão aos 24 anos, está cursando Psicologia); **B** (37 anos, Baixa Visão acentuada, possui Nível Médio) e **C** (55 anos, 19 anos de cegueira, possui formação em assistência social).

### 4.2 Geração De Dados

No processo de geração de dados, optamos por uma adaptação da metodologia do Grupo Focal, pelo fato desta possibilitar as narrativas e ser um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, cujos dados obtidos são de caráter qualitativo em profundidade. A mediadora-pesquisadora esboçou a finalidade e o formato da discussão no começo da sessão. Foi dito do caráter informal da discussão, cuja participação de todos seria importante e que divergências de opiniões seriam bem vindas. Os participantes possuem a característica em comum de serem cegos e compartilham de experiências comuns no

espaço da biblioteca. Assim, o contexto foi o da Biblioteca Braille “Dorina Nowill”, localizada no Centro Cultural de Taguatinga- Distrito Federal. A conversa foi gravada pela mediadora-pesquisadora pelo período de uma hora e meia. Como o objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções das/os participantes sobre os tópicos em discussão; os tópicos apresentados nessa proposta de investigação foram temas potencialmente metafóricos, ou seja, metáforas apoiadas no campo imagético.

Para este trabalho que se pretendeu ser um ensaio, um único grupo foi suficiente para a geração e dados na busca pela compreensão de metáforas apoiadas na visualidade utilizadas por estes sujeitos cegos com base nos pressupostos da Linguística Cognitiva de Lakoff & Johnson (2002). Em termos de escolhas linguísticas observamos se os cegos parecem ter preferência em usar sentenças não metafóricas, quando elas estão ligadas ao sentido da visão. Se quando usam estas sentenças de maneira metafórica, conseguem compreendê-las cognitivamente e como aprenderam a utilizá-las nas interações sociais. Os temas escolhidos como roteiro para a conversa foram: *Horizonte*; *Brilhante*; *Oceano*; *Visão*; *Primavera*; *Margem*; *Nuvem*; *Sombra*; *Escuridão*; *“verde que descansa”*; *Ventania*; *Cegueira*.

Quando fomos até a Biblioteca agendar a visita para a realização do Grupo Focal, encontramos a preparação para o evento de lançamento de um livro de poesias e contos “O poderoso Vidente” que foi organizado por um colaborador da biblioteca, neste havia poemas daqueles que seriam os nossos participantes da conversa. Em função disso, ganhamos um livro de um dos autores (o participante **A**); ao observarmos os títulos dos textos, observamos que muitos deles eram temas potencialmente metafóricos, com os quais iríamos trabalhar na discussão e então optamos por apresentar alguns temas encontrados nos poemas publicados nesse livro, produto de um Concurso literário realizado no espaço da biblioteca chamado “O velho Matemático”. Estes foram os temas encontrados no livro: *Primavera* (de autoria de **A**); *Margem*; *Nuvem*; *Sombra*; *Escuridão*; *“Verde que Descansa”* (de autoria de **C**). Já o último tema, *Cegueira* foi apresentado por partimos do pressuposto (oriundo da experiência de convívio com o público com deficiência visual) que podemos apreender, com base nas narrativas das pessoas com deficiência visual, a experiência da cegueira como uma singular percepção e como os sujeitos com DV se relacionam com o entrave cultural que considera a visão a fonte de conhecimento por excelência.

## 5 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os três primeiros temas apresentados ao grupo foram: “horizonte”; “brilhante”; “visão”. Os participantes apresentaram as seguintes definições ou comentários para cada palavra-tema apresentada pela mediadora, conforme descrevemos a seguir:

- **C**: *infinito; algo longe, coisa infinita; longe de mim; lembro da música de Roberto Carlos*

- **B:** *raramente a gente usa, quando a gente viaja e vê aquelas grandes plantações, aquilo que está longe, não se vê o fim, vê-se o horizonte.*
- **A:** *não tenho usado*
- **A:** *C tem brilho a minha vida*
- **C:** *Certa vez, um repórter perguntou a mim e a uma amiga: “se pudéssemos ver por um instante, o que cada uma gostaria de ver?” Lembro que minha amiga, disse: “eu queria ver o horizonte”*
- **B:** *Brilhante é se referir a uma qualidade de uma pessoa, pode ser excesso de luminosidade; muito claro, é uma palavra muito usada.*
- **A:** *ver, nem sempre quem enxerga vê. Minha filha pode estar cega por aquele namorado;*
- **B:** *ver num sentido de perceber;*
- **C:** *ponto de vista é sua opinião, o que você acha. Eu posso ver mentalmente, posso tocar e dizer: estou vendo. Ver é algo particular.*

Para as palavras “primavera”; “margem”; “nuvem”, “escuridão” os comentários foram:

- **A:** *me lembra das flores, as árvores coloridas, as flores rasteiras, o romantismo, o ipê amarelo, “os quinze anos”*
- **C:** *quando a primavera chegar... Tempo de alegria*
- **B:** *o belo em oposição ao inverno*
- **A:** *tenho a imagem guardada na mente*
- **B:** *margem, é usada no contexto social, aquele que vive à margem, os excluídos, o que delimita o pobre do rico*
- **A:** *usada de diversas formas, margem do caderno, margem da rodovia...*
- **B:** *nuvem, aplicação poética ‘há uma nuvem de lágrima’. Nublado diferente de ensolarado, sentido físico, o céu nublado e na prática, é melhor andar com o tempo mais leve, não tão claro. As nuvens moldam o céu, uma paisagem iluminando o horizonte.*
- **A:** *usada romanticamente, aparece a “sombra”; olhando para as nuvens, se vê diversas formas, a nuvem tem muitos aspectos.*
- **C:** *me lembro das bolas de algodão, gosto dos dias nublados. Na sombra a visão é muito melhor, sombra representa o frescor, sair do desconforto*
- **A:** *escuridão. Não uso no dia-a-dia; às vezes alguém diz, “o cego está na escuridão”, não tenho muito o que falar...*

- **C:** *a minha visão é branca, como se eu estivesse vendo uma cortina branca. Sempre pergunto: Que cor é essa? Gosto de saber a cor.*
- **B:** *o oposto da luz, a escuridão é simplesmente uma falta, onde há luz não há escuridão. Adquire um sentido espiritual. “a luz brilhou na escuridão”. Os navegadores precisam olhar as estrelas para se guiarem. A luz que nos guia... Além de ser físico, é poético, é espiritual. Luz não é só isso que a gente vê, não é só o físico, é o psicológico, ultrapassa fronteiras.*

Sobre o tema “Verde que descansa” dirigido a participante C (autora do poema com este título):

- **C:** *refere-se aos meus olhos, as pessoas ficam encantadas com os meus olhos. E eu tenho de dizer: Eu não enxergo. E descansar é buscar o conforto, sentido de paz e tranquilidade. Penso no horizonte verde, a natureza, nela você descansa os olhos. Uma tranquilidade. Lembro de uma vez que fui no museu a céu aberto.*

Para o tema “ventania”:

- **A:** *tempestade, vento bravo, vento calmo*
- **B:** *o mover do vento que faz barulho, o vento interagindo com o meio, indicando que a chuva vem. Lembro da música: “o barulho das folhas secas, a maré agitada, o atrito do portão. Pode te dar uma sensação de medo. É bem poético.*

Finalizando a discussão apresentamos o tema “Cegueira”:

- **B:** *‘perdido igual a cego em tiroteio’. Embora vejam, não enxergam. Situações em que não tem o entendimento para tomar uma decisão. Não é a cegueira física, é algo espiritual, é algo profundo, as palavras são físicas, são psicológicas, emocionais, elas despertam. Cegueira para os outros é ignorância, por isso prefiro que me chamem de deficiente visual. Cego tem um sentido duplo, pejorativo.*
- **A:** *Cegueira é você não ver nada, temo muito usado em diversas situações diferentes, não enxergo mesmo, então não me importo se me chamam de cego.*
- **C:** *prefiro que me chamem de cega para evitar confusão entre baixa visão ou deficiência visual. Por isso digam C é cega. A pessoa com baixa visão sofre muito mais preconceito, ele nem vê e nem é cego. Ajudou muito eu ter perdido toda a visão. Para mim não é pejorativo.*

Os resultados mostram que os indivíduos cegos produzem sentenças metafóricas ligadas ao sentido da visão, mas não ampliam as projeções mentais na construção de outros sentidos. As palavras que representam metáforas apoiadas no campo visual raramente são prolongadas para um sentido mais conotativo; comumente são relacionadas aos elementos físicos ligando-as as outras percepções que fazem parte de suas experiências. Este estudo é insuficiente para observar porque não houve o prolongamento das construções.

No caso de algumas metáforas, como “nuvem”, o domínio por eles constituído refere-se, fazendo uso desse elemento, ao que eles conseguem experimentar através de seu corpo, experienciando sua sombra e o conforto decorrente desta. *“Nublado diferente de ensolarado, sentido físico, o céu nublado e na prática, é melhor andar com o tempo mais leve, não tão claro. As nuvens moldam o céu, uma paisagem iluminando o horizonte (B).*

Em geral, o participante **B** até consegue até dizer que algumas palavras tem um outro uso, [...] *as palavras são físicas, são psicológicas, emocionais, elas despertam*, mas não é capaz de dizer, nomear esses usos, ou sentidos que as palavras efetivamente indicam para além do domínio literal. Este participante demonstra perceber os outros sentidos de algumas palavras, contudo não denomina tal uso como metafórico, e sim como emocional, psicológico ou espiritual. Não podemos afirmar, no entanto que, não sejam capazes de construir mentalmente as projeções necessárias para a plena compreensão das metáforas.

Em relação a questão posta no início do trabalho, se a pessoa com DV compartilha das metáforas que contrapõem cegueira e conhecimento, como “Alguém que é ignorante está na escuridão, enquanto alguém incapaz de conhecer é cego” (Lakoff e Johnson, 2002), observamos que não compartilham, mas sabem e percebem este entendimento da sociedade. Para os participantes **A** e **C** isso não os incomoda, mas para o participante **B**, sim. Por isso, ele prefere ser chamado de deficiente visual e não cego: *Cegueira para os outros é ignorância, por isso prefiro que me chamem de deficiente visual. Cego tem um sentido duplo, pejorativo.*

Os participantes com deficiência visual constroem um segundo domínio para os termos em alguns momentos, mas não constituem efetivamente a *mesclagem*. Não observamos que tenha havido ruído comunicativo. Nesse sentido, observamos que as metáforas não foram empregadas como em geral os videntes as empregam, como exemplo, o termo “nuvem”, para os participantes com DV, esse elemento representa algo positivo, um conforto, semelhante a tendência de ligarem os temas (elementos) a suas experiências cotidianas que se fundamentam nos demais sentidos, os chamados sentidos remanescentes. A apreensão do mundo e forma de “ver” dos sujeitos cegos se dão pelos outros canais, principalmente a audição e o sistema háptico (tátil), e não a visão. Eles dependem significativamente das interações outras (perceptivas) para constituírem-se linguística e cognitivamente, como sujeitos sociais. Como nas palavras do neurologista Oliver Sacks (1995, p. 129) “O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo por meio de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes.”

## 6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os resultados apresentados nesta análise indicam a tendência de que sujeitos cegos têm dificuldade em fazer uso de elementos como conceitos metafóricos para além do que conseguem experimentar, comprovando a teoria da LC de que a experientiação faz

parte do processo de compreensão humana e de desenvolvimento linguístico do falante/ouvinte e não apenas como um simples adorno do discurso. Sobretudo para o sujeito cego, o embasamento corpóreo atrelado a aspectos socioculturais são fundamentais para a construção da linguagem e, por conseguinte para a compreensão do mundo. Por serem cegos não congênitos guardam uma memória visual, a qual é sempre retomada, há um apego a essa memória. A mente apresenta um conjunto de símbolos que refletem o que é apreendido pelo ser durante o seu desenvolvimento, como os cegos não congênitos guardam uma memória visual, com a falta da visão essa memória é constantemente acionada.

Sendo as metáforas, conforme nos mostram Lakoff & Johnson (2002), o resultado da interação entre determinados aspectos dos aparatos físico e cognitivo do ser humano em conjunto com suas experiências subjetivas do mundo, as experiências dos sujeitos cegos são baseadas nos outros sentidos, chamados sentidos remanescentes. O cego desenvolve outras estratégias para o seu crescimento e para a eficácia de sua produção linguística e do seu processamento cognitivo, de acordo com os estímulos e experiências vivenciados.

Os dados e os resultados aqui apresentados não expressam o comportamento linguístico do indivíduo cego, mas sim o de um pequeno recorte analisado. Necessária se faz uma análise quali-quantitativa que venha apresentar um estudo mais abrangente, cujos achados devem ser gerados e analisados por outros métodos para que possamos ter subsídios para contribuir, com dados mais amplos e consistentes.

## REFERÊNCIAS

CAMARGOS, Liliâne. **Do ver ao perder de vista: a psicanálise do olhar**. 1. ed., KBR: Petrópolis, 2012.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (2002 [1980]) **As Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras

MARTINS, B. S. **E se eu fosse cego**: narrativas silenciadas da deficiência. Porto: Afrontamento, 2006.

SACKS, O. Ver e não ver. In: \_\_\_\_\_. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.